

**NÚCLEO  
MUSEOLÓGICO  
DE ESTUDOS PARA  
O HEMICICLO**



CORTE LONGITVDINAL  
CÓPIA

## Índice

<b>A EXPOSIÇÃO</b>	<b>  5</b>
<b>HEMICICLO</b>	<b>  6</b>
<b>ESTÁTUA DA REPÚBLICA</b>	<b>  10</b>
<b>ESTÁTUAS ALEGÓRICAS</b>	<b>  12</b>
<b>CORTES DE 1821</b>	<b>  14</b>
<b>ALEGORIAS À PÁTRIA E ÀS ATIVIDADES DA NAÇÃO</b>	<b>  17</b>



Retrato de Miguel Ventura  
Terra no Hemiciclo,  
desenhando a planta  
do espaço  
José Veloso Salgado  
1914  
Óleo sobre tela  
130 x 108 cm  
Coleção particular dos herdeiros  
do arquiteto




## A EXPOSIÇÃO

A Assembleia da República possui um grande número de projetos arquitetónicos e estudos artísticos realizados por diversos autores para o Palácio de São Bento. Da sala mais emblemática do Parlamento português – o Hemiciclo – existem plantas e cortes, esboços e maquetas de grande interesse que agora se reúnem numa área nobre deste edifício classificado como Monumento Nacional: o átrio da Biblioteca e o acesso ao edifício traçado pelo Arqt.º Fernando Távora.

O Núcleo Museológico de Estudos para o Hemiciclo possibilita a leitura de conjunto dos elementos até agora dispersos por várias zonas públicas e reservadas, facilita o entendimento da evolução das intervenções no espaço onde os deputados se reúnem desde 1903 e evidencia a distância cronológica entre a sua conceção e a finalização do programa decorativo. Com esta visão global e temporal, o ecletismo estético e iconográfico da Sala das Sessões sobressai como consequência natural e inevitável dos diferentes contributos autorais, das mudanças no gosto, das novas influências na cultura visual e das várias conjunturas políticas que marcaram o percurso da instituição parlamentar.

Nesta brochura informativa, apresentamos uma re-  
senha histórica da sala e, do acervo exposto, des-  
tacamos a maqueta para a estátua da República,  
as maquetas para as esculturas alegóricas e os es-  
tudos para as composições da luneta e da cúpula.

Legenda:

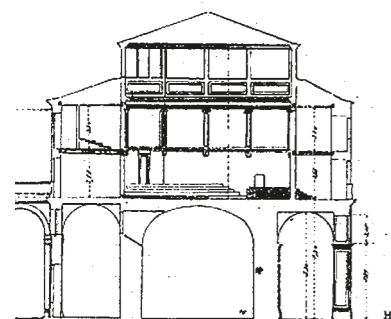
-  A- Maquetas para a estátua da República e para as esculturas alegóricas do Hemiciclo (1915-1921)
-  B- Estudo para a pintura da luneta do Hemiciclo (1919-1923)
-  C - Estudo para as pinturas da cúpula do Hemiciclo (1921-1923)



# HEMICICLO

O Hemiciclo situa-se na ala direita do Andar Nobre do Palácio de São Bento, edifício que foi Mosteiro beneditino de 1615 a 1833 e é sede do Parlamento português desde 1834. O espaço foi projetado pelo Arqt.º Miguel Ventura Terra em 1895, na sequência de um concurso que previa a remodelação do edifício e, sobretudo, da anterior Sala das Sessões da Câmara dos Deputados, traçada pelo Arqt.º Joaquim Possidónio da Silva e destruída por um incêndio.

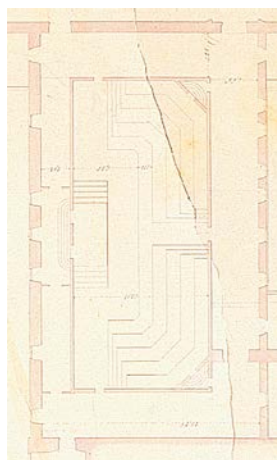
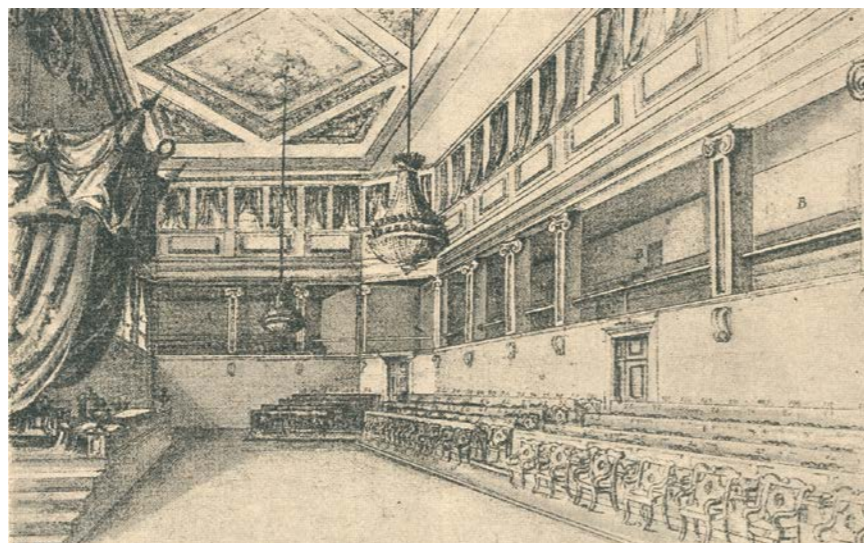
## A primeira Sala das Sessões dos deputados no Palácio de São Bento Possidónio da Silva | 1834



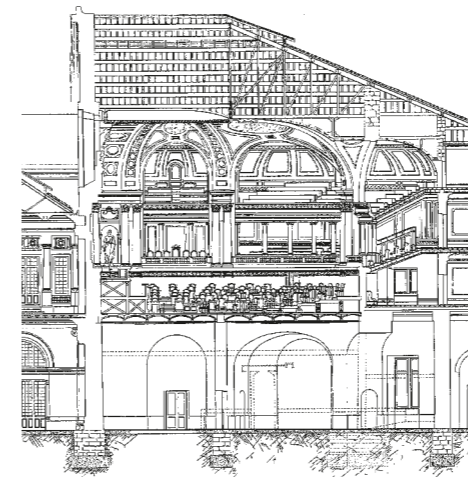
Corte da Sala (levantamento)  
c. 1834-1856  
IHRU (apud AFONSO e MOURÃO, *Os Espaços do Parlamento*, Lisboa, Assembleia da República, 2003, p. 154, n.º 39)

Planta da Sala (levantamento)  
c. 1834-1856  
AHMOP (apud AFONSO e MOURÃO, *op. cit.*, p. 153, n.º 35)

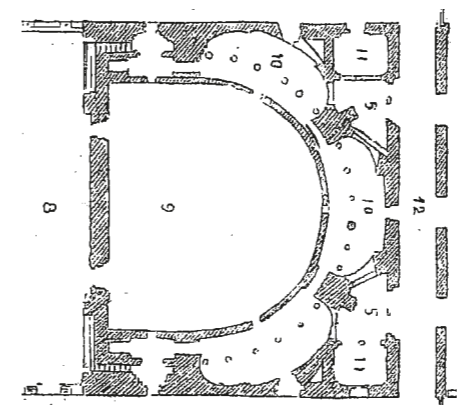
Panorâmica da Sala  
1835  
Litografia (apud *A Guarda Avançada dos Domingos*, n.º 4, 10 de maio de 1835)



## A segunda Sala das Sessões dos deputados no Palácio de São Bento Ventura Terra | 1895-1903



Planta da Sala  
c. 1900-1902  
(in *O Século*, 3 de janeiro de 1903, p. 1)

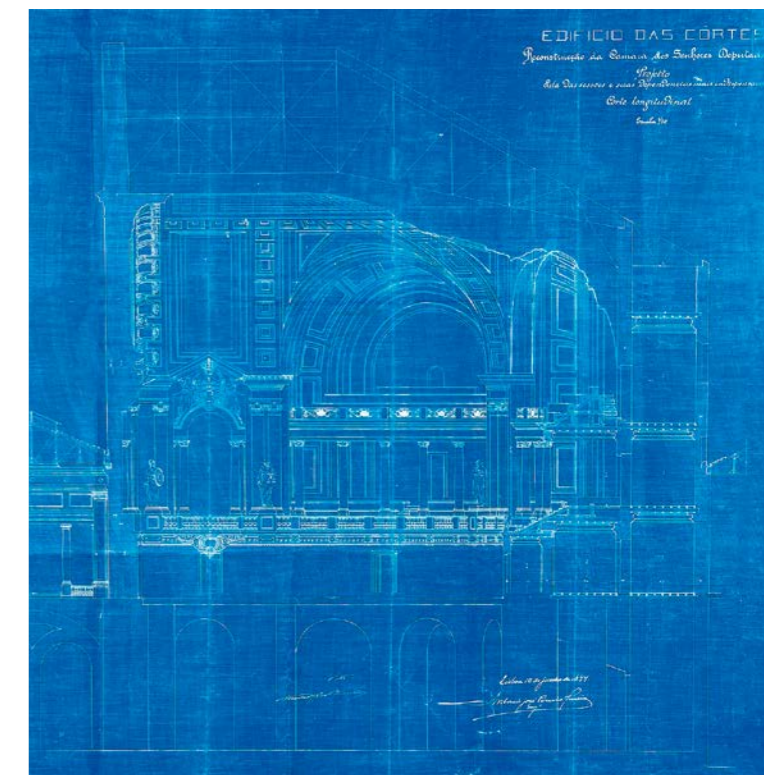


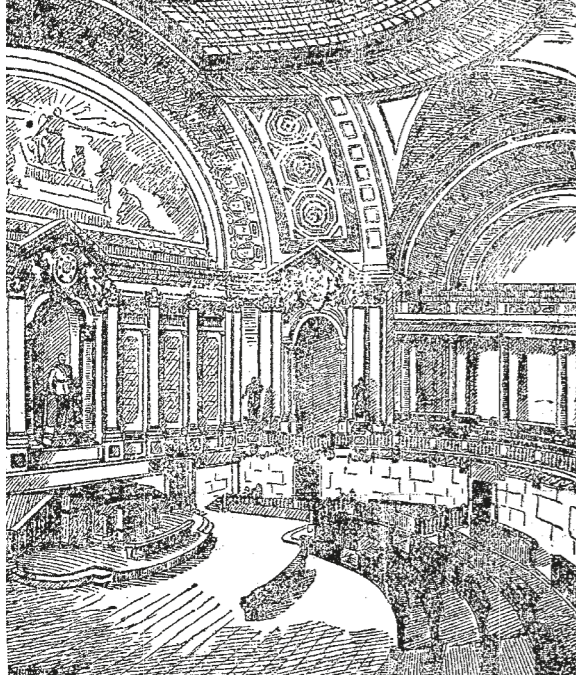
A sala tem planta semicircular (que justifica a designação comum de *hemisfério*) e as bancadas dos deputados organizadas em anfiteatro e voltadas para a tribuna presidencial; nos dois cantos estão as galerias reservadas (uma ao Corpo Diplomático e outra à Família Real, durante a Monarquia, e às Altas Individualidades, após a implantação da República); entre elas, em dois níveis, estão as galerias públicas; na cobertura abre-se uma claraboia de ferro e vidro, que confere luz natural ao espaço.

Inaugurado em 1903 com a decoração ainda incompleta, o Hemiciclo foi sendo guarnecido nas duas décadas seguintes por diferentes artistas.

Corte da Sala (projeto inicial)  
Ventura Terra  
c. novembro de 1895  
Reprodução fotográfica de desenho a tinta-da-china sobre tela  
108 x 76 cm  
IHRU (apud AFONSO e MOURÃO, *op. cit.*, p. 59 e 164, n.º 85)

Corte da Sala (projeto intermédio)  
António José Pereira Júnior (a partir de uma maquete de Ventura Terra)  
15 de junho de 1899  
Reprodução fotográfica de cianótipo  
96 x 84,5 cm | AHP Desenho n.º 32 | inédito





Um friso de folhas de louro interrompido por dez cabeças de leão (por Teixeira Lopes) percorre toda a sala acima das portas; a mesa da presidência ostenta as Tábuas da Lei (outrora com uma tocha, retirada nos anos 70), que contém a palavra latina LEX alusiva à atividade legislativa da sala e repetida (de modo intercalado com a palavra JVS – Direito ou abreviatura de Justiça, em latim) nos capitéis das pilastras; três grupos escultóricos com génios femininos e o escudo de armas nacionais (por Teixeira Lopes e Moreira Rato), outrora sobrepujado pela coroa real e agora pelas insígnias republicanas, encimam as galerias reservadas e o nicho presidencial; este último foi inicialmente ocupado pela estátua de D. Carlos (por Teixeira Lopes, 1902), depois pelo busto da República (por João da Silva, 1911) e, finalmente, pela estátua da República (por Anjos Teixeira, 1916); seis estátuas alegóricas, também em gesso, assinalam as tribunas e representam a Constituição (por Simões de Almeida, sobrinho, 1921), a Lei (por Francisco Santos, 1920), a Jurisprudência (por Costa Mota, tio, 1920), a Eloquência (por Júlio Vaz Júnior, 1920), a Justiça (por Costa Mota, sobrinho, 1921) e a Diplomacia (por Maximiano Alves, 1920); uma tela alegórica às primeiras Cortes Constituintes de 1821 decora a luneta (por Veloso Salgado, 1923) cuja curvatura é animada por pinturas com as 22 armas das capitais dos



Panorâmica da Sala (projeto final)  
c. 1900-1902  
(in *Diário de Notícias*, 2 de janeiro de 1903, p. 1)



Pormenor do Hemiciclo em construção  
Photographia Americana de A. Serra Ribeiro (*act.* 1860-1880)  
Papel de fotografia; gelatina de sal de prata  
1903 | MAR 4081/2

Panorâmica para a parede da presidência do Hemiciclo, com a estátua régia de D. Carlos I, concebida por Teixeira Lopes  
Photographia Americana de A. Serra Ribeiro (*act.* 1860-1880)  
Papel de fotografia; gelatina de sal de prata  
1903 | MAR 4081/29

distritos e das antigas colónias que elegeram os deputados constituintes (por Benvindo Ceia, 1923); em volta da clara-boia distribuem-se três pinturas alegóricas, respetivamente à Ciência, Artes e Indústria, à Pátria, Fortuna e Paz e ao Comércio e Agricultura (por Alves Cardoso, 1923).

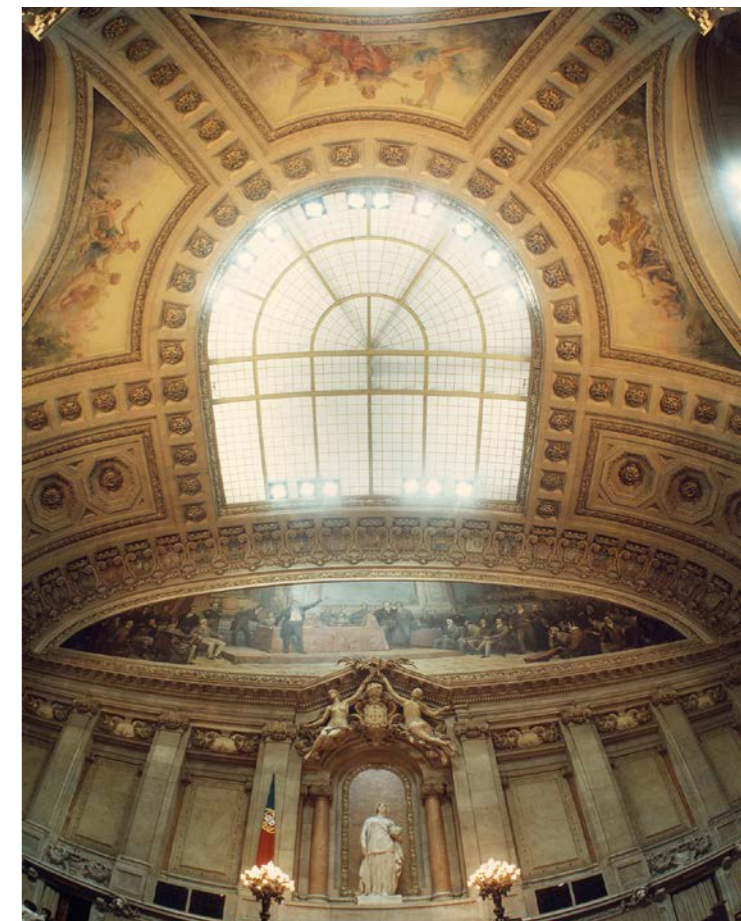
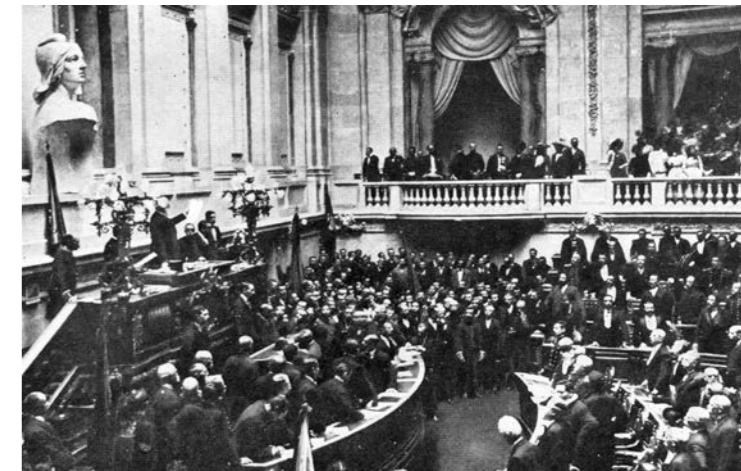
Em 1913, o Arqt.º Adolfo António Marques da Silva acrescentou, nos ângulos da sala, uma bancada para a imprensa e outra para os governadores civis e, mais tarde, já na década de 30, projetou a tribuna do orador e o mobiliário para utilização dos ministros nas sessões solenes. Nessa época, foi desmontada a bancada do Governo, somente recolocada após a Revolução de 25 de Abril de 1974 e ampliada em 1988. Também nos primeiros anos do período democrático foram instalados os sistemas de *relais*.

Em 2008, toda a sala foi submetida a uma profunda remodelação, que compreendeu o reforço antissísmico das estruturas, a substituição dos sistemas de iluminação, aquecimento, ventilação e ar condicionado, a introdução de plataformas informáticas (para votações, projeção multimédia em tela e divulgação das votações e dos tempos de intervenção em plasmas), a instalação de um mecanismo elevatório para o púlpito do orador, a incorporação de ecrãs tácteis e computadores para cada deputado, e a adaptação das bancadas e galerias.

Tendo sido inaugurado com bancadas para 130 deputados, o Hemiciclo tem hoje capacidade para 230.

Panorâmica do Hemiciclo, com o busto da República concebido por João da Silva  
Fotografia de autor desconhecido | c. 1911 | AML-AP

Panorâmica da cúpula do Hemiciclo, com respetiva decoração pictórica  
Fotografia de Eduardo Gageiro | AHP MUS 569



# ESTÁTUA DA REPÚBLICA



Em 1915, a Comissão Administrativa do Congresso da República deliberou a abertura de um concurso para a estátua da República, destinada a substituir o busto executado por João da Silva e colocado no nicho da parede da presidência desde 1911.

Insatisfeito com as propostas submetidas, o júri não reconheceu vencedor e decretou a abertura de um novo procedimento concursal em 1916. Nesta segunda edição, o 1.º prémio foi conferido a Artur Gaspar Anjos Teixeira, o 2.º, *ex-æquo*, a José Simões de Almeida (sobrinho) e a Francisco dos Santos, e o 3.º a António Augusto da Costa Mota (sobrinho). Foram, ainda, atribuídas duas menções honrosas, respetivamente a José de Oliveira Fernandes e a Henrique Moreira.

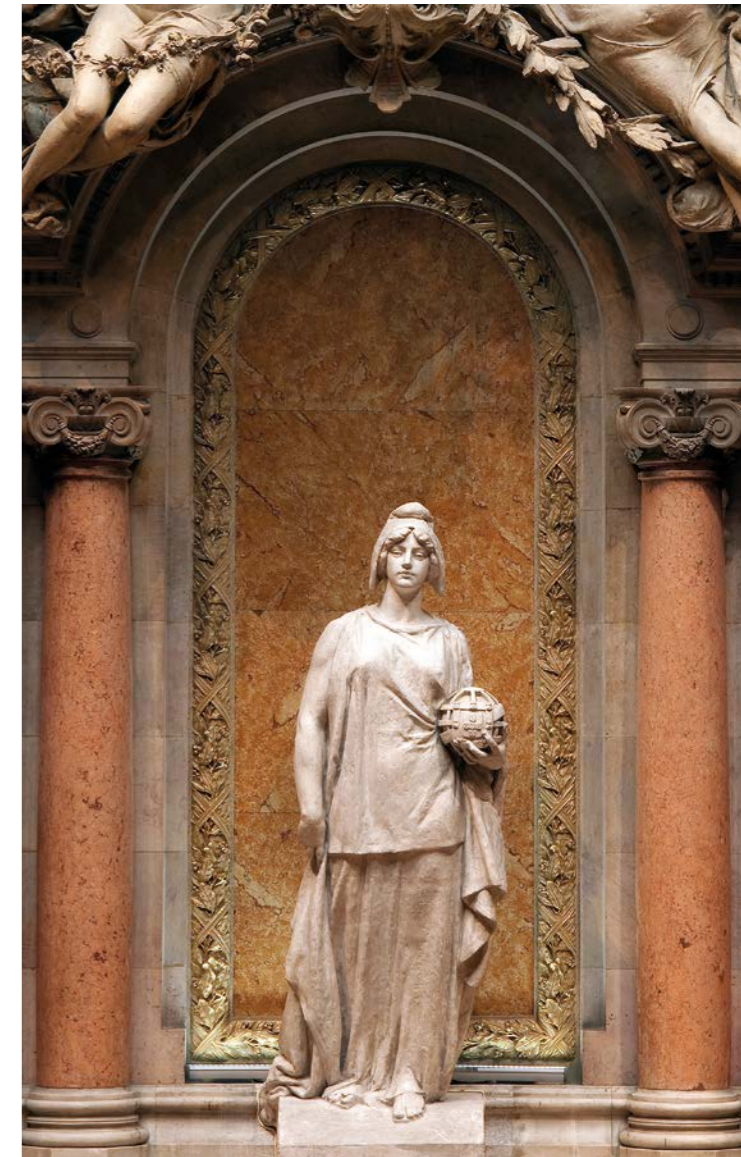
O modelo vencedor apresenta a figura alegórica de corpo inteiro, como uma mulher – embora de fisionomia robusta e feminilidade silenciada por debaixo da larga toga –, com a cabeça coberta pelo icónico barrete frígio (elemento atribuído à personificação da Liberdade desde o séc. XVIII) e segurando, na mão esquerda, a esfera armilar (símbolo nacional desde o reinado de D. Manuel II, tornado insígnia republicana em 1910).

**Maqueta para estátua da República**  
Anjos Teixeira e Moreira Rato  
1916  
Estáfe  
139 x 88 x 27 cm (conjunto)  
MAR 66

Muito distante da bela jovem sensual, expansiva e esguia que o escultor havia proposto na primeira edição do concurso (classificada em 3.º lugar *ex-æquo*), esta mostra-se bastante mais recatada, contida, austera e académica. A personificação oficial do sistema político recém-implantado e marcadamente masculino (não obstante a emergência da Liga Republicana das Mulheres, a que estiveram associadas as sufragistas Carolina Beatriz Ângelo e Adelaide Cabete) surge, sintomaticamente, masculinizada e musculada, assumindo uma pose em *contraposto* inspirada nos modelos clássicos remotamente instituídos no *Doríforo*, do escultor grego Policleto, e retomados, durante o Renascimento, no *David*, do escultor italiano Miguel Ângelo.

Enquadrada num nicho arquitetónico recriado por Moreira Rato, a maqueta de gesso foi passada à versão definitiva, em estáfe (e não em mármore, como inicialmente previsto), após a assinatura do contrato com o autor, a 13 de julho de 1916.

**Estátua da República**  
Anjos Teixeira  
Fotografia de João Silveira Ramos (2010)  
1916  
Estáfe  
310 x 97 x 105 cm  
MAR 2099

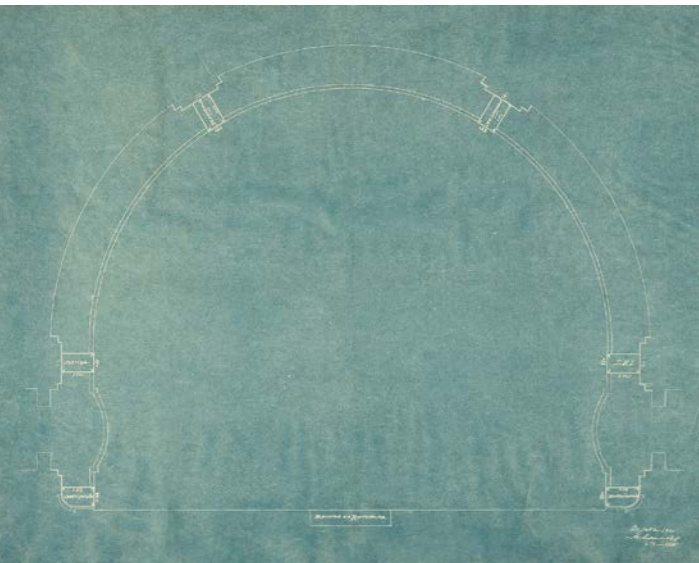


# ESTÁTUAS ALEGÓRICAS

Embora o projeto de Ventura Terra para o Hemiciclo já contemplasse a inclusão de imagens alegóricas ao nível da primeira galeria, em 1903 a Sala foi inaugurada ainda sem estes elementos. As temáticas e os materiais só foram decididos em 1920, já num contexto político muito diferente, e a sua distribuição foi indicada por Adolfo Marques da Silva, com a concordância da Comissão Administrativa do Congresso da República. Por seu turno, a escolha dos escultores foi confiada à Sociedade Nacional de Belas-Artes.

Do conjunto de seis originais em gesso, apenas se conservam quatro no acervo parlamentar. As obras finais, concebidas em estafe, evidenciam algumas diferenças requeridas pelo júri. As figuras são todas femininas, de corpo inteiro, estão togadas e identificadas por inscrições nos plintos, representando, da esquerda para a direita, a Constituição (por José Simões de Almeida, sobrinho), a Lei (por Francisco dos Santos), a Jurisprudência (por António Augusto da Costa Mota, tio), a Eloquência (por Júlio Alves de Sousa Vaz Júnior), a Justiça (por António Augusto da Costa Mota, sobrinho) e a Diplomacia (por Maximiano Alves).

Planta indicando a disposição das estátuas alegóricas no Hemiciclo  
Marques da Silva  
1920  
Reprodução fotográfica de cianótipo  
96 x 84,5 cm  
AHP Desenho n.º 17



A Constituição está de pé, segura o *uolumen* da Lei fundamental na mão esquerda e apoia a direita numa pilastra (que simbolizará a base em que assenta a Lei e a solidez que o Direito nacional adquire aquele documento). Pela pose e pelos atributos, é a mais clássica das figuras.

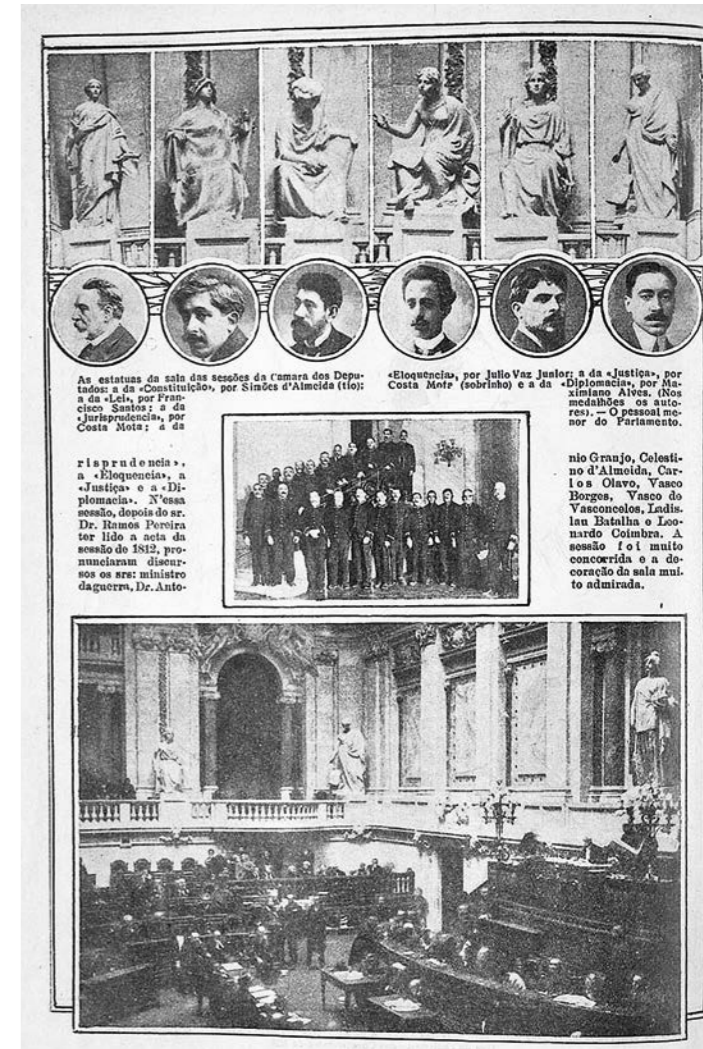
A Lei está sentada, segura um *uolumen* e um ramo de louro na mão esquerda, e tem a cabeça coberta, coroada também por louros. Entronizada, afirma a presença pela monumentalidade sólida do corpo imóvel que, apenas esboçado na imensidão da túnica, funciona em termos visuais e simbólicos como um bloco robusto, inabalável, que transmite a segurança da Lei.

A Jurisprudência está sentada, apoia um braço nas Tábuas da Lei e folheia um livro (possivelmente de Direito) que tem no colo. Nesta gestualidade dual, indica que a decisão jurídica é ponderada e comparada.

A Eloquência está sentada a três quartos, com o braço esquerdo ocultado sob o manto e o direito descoberto, tendo o cotovelo próximo do joelho. Contida e distante da atual noção de eloquência (idealmente de pé, com gesto mais enérgico e pose frontal), afirma-se como uma imagem saudosista da mulher branda, perdida com os avanços do movimento feminista coevo.

A Justiça está sentada e combina vários objetos ligados ao exercício do poder judicial: na mão esquerda segura uma balança junto ao corpo, que simboliza o ideal de equidade e equilíbrio, e na direita tem uma espada de punho cruciforme, que simboliza a força distributiva e o rigor, numa possível alusão à coexistência de uma justiça civil e de uma justiça canónica.

A Diplomacia está de pé, em contraposto clássico, tem o braço, o ombro e o peito destapados no lado direito, em jeito de revelação e sedução, e o lado oposto tapado, em gesto de ocultação e reserva. Na mão direita tem um pequeno ramo de oliveira, com o qual aponta uma pilha de livros, e com a mão esquerda agarra um punhal parcialmente encoberto nas vestes. Nesta representação dúbia entreveem-se os instrumentos e recursos, as vicissitudes e contingências da arte diplomática, que suscitam gestualidades, comportamentos e tomadas de posição diversas para conciliar diferentes opiniões, e que incitam ao uso da palavra e da argumentação ou da ação e da força e à prática da paz ou da guerra, consoante as situações e conjunturas.



Notícia sobre a sessão comemorativa do I Centenário das Cortes Constituintes e as esculturas alegóricas da Sala das Sessões dos deputados.  
Fac-símile da *Ilustração Portuguesa*, 6 de fevereiro de 1921, p. 96.

# CORTES DE 1821

Por deliberação da Comissão Administrativa do Congresso da República, em novembro de 1919, a decoração da luneta na parede da presidência foi confiada ao pintor José Maria Veloso Salgado. O artista apresentou duas propostas, sendo uma de pendor alegórico e alusiva à Lei e às Forças Produtivas da Nação, e outra de carácter histórico e evocativa das Cortes Gerais e Constituintes da Nação Portuguesa, reunidas em 1821 na Livraria do Palácio das Necessidades. Aproximando-se o centenário desta assembleia do liberalismo português, onde se estabeleceram as bases da primeira Constituição nacional, o segundo tema impôs-se, numa segunda apreciação.

Pela conformação horizontal e estreita do suporte, o artista circunscreveu as referências espaciais e concentrou-se nos elementos mais significativos: a galeria pública à direita (que assinala o carácter aberto da sessão), o trono régio vazio (que atesta a permanência de D. João VI no Brasil) e a parte inferior do retrato do monarca (pintado por Domingos António de Sequeira). Assim focada nas figuras dos primeiros deputados do país, esta pintura não permite uma relevante comparação com o desenho oitocentista (no Museu Nacional de Arte Antiga) que se conhece da sala onde decorreu o histórico plenário. Distancia-se também da aguarela de Alfredo Roque Gameiro (reproduzida no livro *Quadros da História de Portugal*,

Estudo para as Cortes Constituintes de 1821  
Veloso Salgado  
c. 1919-1920  
Óleo sobre tela  
85,5 x 276,5 cm | MAR 19

NOTA: trata-se da proposta seleccionada para a tela da luneta do Hemiciclo

Estudo para as Cortes Constituintes de 1821  
Veloso Salgado  
c. 1919-1920  
Tinta-da-china sobre papel  
46 x 159 cm | MAR 20



Alegoria à Lei e às Forças Produtivas da Nação  
Veloso Salgado  
c. 1919-1920  
Óleo sobre tela  
85 x 276,3 cm  
MAR 17

NOTA: trata-se de uma proposta recusada para a tela da luneta do Hemiciclo

A composição (ilustrada na página seguinte), ligeiramente descentralizada e perspectivada da esquerda para a direita, privilegia a mesa da presidência (na qual se reconhece o arcebispo da Bahia, D. Frei Vicente da Soledade) e, em frente dela, o orador Manuel Fernandes Tomás, considerado um dos mentores da revolução liberal. Os restantes personagens estão dispostos em semicírculo aberto ao espetador, permitindo a sua simbólica participação naquele plenário onde, deste modo, nenhum deputado volta totalmente as costas ao cidadão. Além da ideia de cidadania participativa, esta *composição inclusiva* permite uma articulação visual com o espaço da sala onde se inscreve, formando, com ela, um círculo perfeito onde se encontram os deputados do passado e do presente.

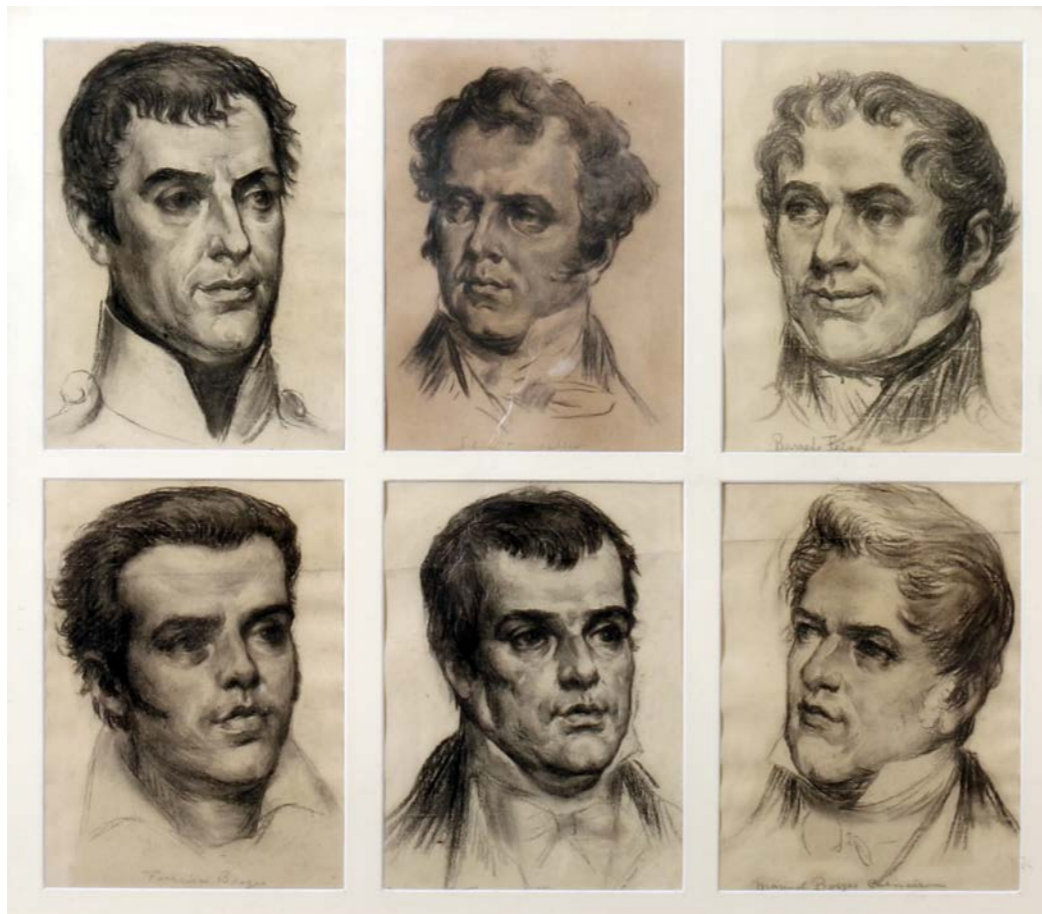




de Chagas Franco e João Soares) e da tela de Oscar Pereira da Silva (no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Brasil), que conferem uma atenção muito mais significativa ao espaço, dotando-o de maior aparato.

A realização desta grande obra, concluída em 1923, implicou numerosos estudos de composição, retrato coletivo e individual e ainda de objeto, executados a carvão sobre papel e a óleo sobre tela. Num dos desenhos estão identificados os nomes de 50 personalidades, 12 das quais não foram deputados Constituintes, embora tenham contribuído para a realização das Cortes ou para a redação da Constituição de 1822. Além delas, registam-se o taquígrafo e o público (onde sobressaem duas senhoras que aludirão, anacronicamente, ao posterior movimento feminista e sufragista em Portugal).

Estudos de retratos  
(Bernardo Correia  
de Castro e Sepúlveda,  
José da Silva Carvalho,  
José Victorino Barreto  
Feio, José Ferreira Borges,  
Manuel Fernandes Tomás,  
Manuel Borges Carneiro)  
para as Cortes  
Constituintes de 1821  
Veloso Salgado  
1920  
Carvão sobre papel  
45,7 x 38,2 cm  
MAR 506-511



## ALEGORIAS À PÁTRIA E ÀS ATIVIDADES DA NAÇÃO

Em fevereiro de 1921, a Comissão Administrativa do Congresso da República convidou o pintor Artur Alves Cardoso para decorar os três espaços entre as nervuras do intradorso da cúpula do Hemiciclo. De acordo com o programa estipulado, as três obras estão tematicamente interligadas e funcionam como alegorias à *Pátria*, *Paz* e *Fortuna* (centro), às *Artes e Indústrias* (esquerda) e ao *Comércio e Agricultura* (direita). Tendo merecido aturados estudos preparatórios a carvão e giz sobre papel e a óleo sobre tela, todas as composições são centralizadas e apresentam uma iconografia de clara referência mitológica, com as figuras dispostas sobre estrados que ostentam inscrições em latim.

A tela da esquerda reúne três figuras humanas acompanhadas da inscrição «IN PACE» (em Paz). A personagem da esquerda representa a Escultura, é feminina, segura uma esfera e aponta para duas chaminés, ao fundo, que aludem à Indústria, atividade reiterada pelo metalúrgico, pela bigorna e pela roda dentada. Ao lado da Escultura encontra-se a Pintura, encarnada por um homem coroado de folhas de loureiro (árvore consagrada ao deus Apolo, que simboliza a vitória). Segura uma paleta e um pincel, com os quais pinta uma tela. Entre a Escultura e a Pintura está a Música, sob a forma de uma criança que segura uma lira (instrumento atributo de Apolo – protetor



Estudo para figura  
alegórica à Pintura  
Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão sobre papel  
84,5 x 69,5 cm | MAR 4403

Estudo para figura  
alegórica ao Comércio  
Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão sobre papel  
85 x 69,5 cm | MAR 4405



Estudo para figura alegórica à Pátria  
Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão sobre papel  
69,5 x 84,5 cm | MAR 4401



### Estudo para Alegoria às Artes e à Indústria

Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão e giz sobre papel  
67,5 x 84,5 cm | MAR 4402 | inédito



### Estudo para a tela Alegoria à Pátria

Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão e giz sobre papel  
70 x 85 cm | MAR 4400 | inédito

dos músicos – e de Orfeu – propiciador da harmonia e da paz, através da música). À direita vê-se a colonata e o entablamento de um templo circular, e ainda meia coluna caída, de capitel coríntio, envolta em folhas de acanto (planta que desde a Antiguidade Clássica simboliza o prestígio e a eternidade).

A pintura da direita inclui quatro figuras humanas e a inscrição «ET LABORE» (e Trabalho). O deus Mercúrio, identificável pelo caduceu e pelo capacete alado, assume-se como protetor dos comerciantes. Aponta para uma manada de cavalos, que corre ao fundo (em representação do comércio feito por terra) e está acompanhado por uma menina que apoia a mão direita numa âncora (elemento que alude ao comércio feito pelo mar e pelos grandes rios navegáveis). À sua direita está a deusa Ceres, com coroa vegetalista e molho de trigo animado por papoilas, na sua



### Estudo para Alegoria ao Comércio e à Agricultura

Alves Cardoso  
1921-1923  
Carvão e giz sobre papel  
69,5 x 84,5 cm | MAR 4404 | inédito

qualidade de propiciadora da fertilidade dos campos e protetora das culturas. À sua frente surge uma criança com um molho de trigo; ao longe vê-se um trecho de vinha com uvas pretas e duas Ménades, ou Ninfas, dançando.

A tela central exibe três figuras e a inscrição «PATRIA». A personificação alegórica está coroada de louros e entronizada, tendo a seus pés um leão (símbolo de poder e proteção). Com a mão direita recebe um ramo de oliveira trazido por um génio alado feminino que representa a Paz; outro génio alado feminino, representando a Fortuna, surge no lado oposto e oferece-lhe moedas de ouro que jorram de uma cornucópia (também designada por chifre da abundância).

Até à conclusão das obras, em 1924, Alves Cardoso contou com a colaboração de Acácio Lino de Magalhães, autor das pinturas da antiga Sala de Espera do Presidente da República (hoje afeta ao Grupo Parlamentar do CDS-PP).

### Estudo para Alegoria às Artes e à Indústria

Alves Cardoso  
1923  
Óleo sobre tela  
61 x 114,5 cm | MAR 54 | inédito

### Estudo para Alegoria à Pátria

Alves Cardoso  
1923  
Óleo sobre tela  
60 x 114,5 cm | MAR 51 | inédito

### Estudo para Alegoria à Agricultura e ao Comércio

Alves Cardoso  
1923  
Óleo sobre tela  
60,1 x 114 cm | MAR 52 | inédito



## FICHA TÉCNICA

### EXPOSIÇÃO

Conceção e Textos  
Cátia Mourão

Design  
Susana Veiga Simão

Modelação 3D  
António Dourado

Fotografia  
AHP – Arquivo Histórico Parlamentar  
AML-AF – Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico  
Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Print Criativa

Montagem  
Museu da Assembleia da República  
Divisão de Aprovisionamento e Património

### BROCHURA

Textos  
Cátia Mourão

Edição  
Divisão de Edições

Revisão  
Conceição Garvão

Fotografia  
AHMOP – Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas  
AHP – Arquivo Histórico Parlamentar  
AML-AF – Arquivo Municipal de Lisboa – Arquivo Fotográfico  
Carlos Pombo  
Eduardo Gageiro  
Hemeroteca Municipal de Lisboa  
IHRU – Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana  
João Silveira Ramos  
Paulo Meireles

Design  
Nuno Timóteo

Pré-impressão e impressão  
Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

ISBN  
978-972-556-638-1

Depósito Legal:  
000000000000

Tiragem:  
3000 exemplares

Lisboa | abril 2015

**[www.parlamento.pt](http://www.parlamento.pt)**

